

METODOLOGIAS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM MUSEUS: O USO DE QUESTIONÁRIOS PARA REGISTRO E AVALIAÇÃO

Adriana Mortara Almeida
Museu Histórico do Instituto Butantan¹

O entendimento do processo educativo em museus é tema de inúmeras pesquisas. Algumas buscam identificar as especificidades da educação em museus (Martins, 2011), outras exploram as exposições enquanto espaços educativos (Marandino, 2001), a participação dos professores e a relação museu e escola (Dutra, 2012) ou o papel dos serviços educativos (Seibel, 2009).

A utilização de fontes bibliográficas e documentais está presente em todas as pesquisas. Nos casos aqui citados, ela é preponderante em Seibel (2009). As outras três pesquisas citadas apoiaram-se tanto em bibliografia como em entrevistas e observações de exposições e de ações educativas.

A escassez de documentos que registram o processo de trabalho educativo em museus aparece como uma constante nessas pesquisas e essa situação favorece a valorização de fontes diretas, por meio de entrevistas com profissionais envolvidos direta ou indiretamente nas ações educativas.

Em tese recentemente defendida por Carla Gruzman (2012) ficou evidente a falta de documentação disponível para análise do processo de concepção, planejamento e execução da exposição estudada e a importância que as entrevistas com membros da equipe de criação da exposição ganharam diante dessa realidade.

No cotidiano de cada museu existem inúmeros documentos que são produzidos, alguns mais relacionados à burocracia e outros mais conceituais. Entretanto, em muitos casos, não há uma preocupação em registrar os processos, as modificações e até mesmo os resultados.

Por exemplo, no caso de visitas de grupos escolares a museus: é possível que exista o registro dos agendamentos feitos pelas instituições, relatórios de atendimentos de educadores e algumas vezes algum cadastro ou documento preenchido pelo responsável / professor. A guarda desses documentos nem sempre é conjunta ou busca construir um registro que permita o entendimento e estudo desse processo.

O registro das três partes envolvidas na visita educativa

Nos anos 1990, na área educativa do *Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo* (MAE-USP) havia uma rotina de registro das visitas educativas de grupos por meio de três formulários: um preenchido pelo professor / responsável; um segundo preenchido pelo educador; e o terceiro preenchido por um grupo de alunos / participantes.

¹ amortara@butantan.gov.br

Com esse material em mãos foi possível descrever o perfil dos grupos visitantes: tipo de escola - pública ou privada, ano e nível dos alunos, formação do professor acompanhante e áreas / roteiros de visita solicitados. Pudemos evidenciar que as áreas mais solicitadas para visita eram a parte da exposição sobre o Brasil pré-colonial e o módulo sobre antiguidade (Egito, Mesopotâmia, Grécia e Roma). A seleção da área / tema estava diretamente ligada ao currículo escolar: alunos da 5ª série (atual 6º ano) vinham ver o módulo de Brasil pré-colonial e os alunos da 7ª série (8º ano) visitavam o módulo sobre antiguidade. Esses temas são conteúdos tratados nessas séries por recomendação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Ao mesmo tempo, a área da exposição dedicada à cultura africana e afro-brasileira era raramente solicitada para visita escolar. Informações como estas, fundamentadas em dados obtidos durante vários anos, são valiosas para o planejamento e tomada de decisões em relações às ações educativas do museu, entre outras ações.

Além de trazer dados sobre o perfil dos grupos visitantes esses formulários trazem dados para a avaliação das atividades.

O educador²: possibilidade de reflexão

O preenchimento de um formulário de relatório / registro da visita educativa pelo educador tem como funções a organização das ideias e reflexão sobre elas. Para o educador, o registro da atividade, descrevendo como foi a visita, o que foi feito, como era o grupo participante, quais temas foram tratados, enfim, a descrição de inúmeros aspectos da visita, cria o estímulo para repensar sobre o que foi feito e sobre o que deu certo e o que não deu tão certo.

Ao sistematizar o que foi uma atividade, uma experiência, por meio de um registro escrito, o educador necessita transformar em palavras as ações e percepções, muitas vezes subjetivas. Esse processo pode ter algumas perdas relacionadas às dificuldades de expressar sentimentos por meio de palavras, porém traz muitos ganhos por perpetuar essas emoções e ideias.

Exemplos desse processo aparecem nos registros de educadores do Museu da Língua Portuguesa em avaliação realizada em 2011³.

Ao responder sobre quais **dificuldades** enfrentaram em relação aos **conteúdos** tratados, os **educadores** escreveram:

“Não tive segurança ao responder uma pergunta sobre história do Brasil”.

² O termo educador será aplicado nesse artigo tanto para educadores como para educadoras, com intenção de facilitar a leitura e preservar o anonimato dos educadores citados.

³ A avaliação foi desenvolvida pela autora como um trabalho de consultoria para a Poiesis Organização de Cultura, com objetivo de avaliar o grau de satisfação dos participantes das visitas educativas dos museus sob responsabilidade dessa entidade. Os documentos produzidos foram questionários, planilhas e relatórios, todos entregues à Poiesis.

“Dentro do conteúdo proposto para a visita nenhum. Somente a data e a época de origens das línguas inglesa e francesa que eu não me recordava.”

Os dois educadores identificaram pontos dos conteúdos sobre os quais precisam se debruçar mais tempo e aprofundar-se. O exercício de escrever sobre essas dificuldades certamente auxiliará na memorização do que houve e na ação posterior de investigação sobre os temas citados.

“A história da língua e a sua relação com a cultura é tão ampla que acabo perdendo o foco da abordagem inicial”.

“Conectar conteúdos esparsos”.

No texto desses dois educadores não é um tema em si que representa dificuldade, mas sim a síntese e a condução da visita por meio de um eixo definido e claro, tanto para o educador como para o visitante. Esses registros apresentam reflexão sobre a dificuldade de conduzir uma visita educativa sem ampliar demasiadamente as temáticas tratadas.

“Hoje tive dificuldade, pois falei que o mantra era música indiana e depois falei das línguas indígenas, os alunos acharam que era a mesma coisa. Na verdade sempre temos essa dificuldade, mas hoje foi mais evidente, acho que preciso esclarecer isso sempre”.

O educador registra sua dificuldade e ao mesmo tempo já apresenta uma maneira de mudar sua atitude e seu trabalho nas próximas visitas. A evidência de que determinados conteúdos são mais complexos para o público visitante levou o educador a criar estratégias alternativas para facilitar o processo educativo.

Ainda no Museu da Língua Portuguesa, os educadores escreveram sobre as **dificuldades** em relação à sua **atuação como educador**. Abaixo destaco alguns registros:

“A única dificuldade que encontrei foi trabalhar com um aluno especial, a professora ajudou muito, mas como educador percebi dificuldades com esse tipo de situação”.

“Tentar controlar melhor o grupo, mas quanto à disciplina, não quanto ao conteúdo e nem quanto à participação”.

Os tipos de público e seus comportamentos geram desafios aos educadores que procuram percebê-los. Nesses registros ainda não aparecem as estratégias para enfrentá-los. Entretanto, certamente haverá um prosseguimento em relação aos desafios, principalmente porque foram registrados.

“Verifiquei que os alunos possuíam uma imagem equivocada sobre a língua falada no Brasil, exemplo: confundiam sotaques com outras línguas. Esta observação de como os alunos

pensam e veem a história da língua portuguesa é importante no direcionamento da visita, perceber como eles estão pensando deve ser recorrente (privilegiar formas de diálogo em que as impressões dos alunos possam ser trabalhadas, mais do que no acolhimento, como faço de costume)”.

Esse educador identificou um conteúdo que aparece constantemente como dificuldade dos visitantes e, a partir disso ele já descreve as possíveis estratégias para enfrentar esse problema, estratégias essas mais relacionadas à metodologia da visita do que aos próprios conteúdos em si.

“Desenvolver mais a monitoria focando a ideia de ser um educador e não um professor”.

“A visita não seguia a mesma dinâmica do início. Perdeu o ritmo. Em partes isso é minha culpa, outra é o espaço”.

“Talvez tenha faltado a mim uma postura mais imponente para mantê-los focados, porém não soube 'competir' com as interferências bruscas ocorridas ao longo da visita”.

Os registros desses três educadores sobre a visita que realizaram apresentam questões importantes sobre a postura do educador, qual o seu papel (que é diferente do professor) e quais as estratégias necessárias para manter o envolvimento do grupo durante todo o processo da visita.

Esses exemplos mostram que a “obrigação” de realizar um registro escrito sobre quais as dificuldades enfrentadas servem como um registro para memória institucional e para o próprio educador repensar a experiência vivida.

A qualidade do registro depende do envolvimento dos educadores. Se os relatórios forem escritos de forma mecânica não servem para aprofundar as análises desse processo. Nesse sentido, torna-se fundamental não sobrecarregar o educador com esse tipo de relatório. No caso de museus que recebem visitas massivas de grupos essa prática deve ser feita por amostragem.

Professor⁴: percepção do momento

O professor e/ou responsável não tem o mesmo tempo disponível que o educador tem para se debruçar sobre as questões e respondê-las. Ele terá que responder em algum momento da visita educativa do grupo ao museu: no início, durante ou no final. Dependendo do tempo previsto para a visita, esse preenchimento tem que ser muito rápido e, portanto, o número de questões / itens não pode ser muito extenso. É preciso criar uma estratégia que facilite a participação do professor / responsável: local adequado, mesa ou prancheta para preenchimento e o tempo para isso.

⁴ O termo ‘professor’ inclui tanto professores como professoras. Essa opção foi adotada para facilitar a leitura e manter o anonimato dos citados.

O enunciado das perguntas deve ser o mais claro possível para que o processo de preenchimento não seja comprometido pela incompreensão das perguntas. Por exemplo, se houver um campo denominado “escolaridade” para que o professor indique o ano em que seus alunos estão, é possível que os professores indiquem a sua própria escolaridade ou o curso superior no qual se formaram e não o dos alunos. Deve-se então detalhar o enunciado: “escolaridade dos alunos”.

Na mesma pesquisa do Museu da Língua Portuguesa, ao responder sobre o que mais gostou da visita, em relação à **apresentação da exposição**, os responsáveis / professores escreveram:

“O recurso utilizado que é de alta tecnologia”.

“O uso de multimídia”.

Os professores apreciaram os recursos tecnológicos presentes na exposição. Suas respostas são curtas e não apresentam uma justificativa e parecem indicar deslumbramento em relação à tecnologia.

“A interatividade e tecnologia”.

“Computadores: explicação do vocabulário”.

Nessas duas respostas a tecnologia aparece, porém como meio para a interação e “explicação do vocabulário”, avançando em relação às respostas anteriores, por dar uma função à tecnologia.

A movimentação de painéis para dar a idéia de viagem movimento

Cartazes circulantes, aludindo ao estilo inquietante do autor.

Assim como no caso anterior, essas duas respostas de professores apresentam a função da tecnologia que envolve a maior compreensão das mensagens propostas para a exposição. Neste caso são citados módulos da exposição temporária.

A maneira como o educador envolveu as crianças com o acervo.

Monitor preparado e paciente. Apresentação organizada.

Como citado anteriormente, o enunciado das questões necessita ser o mais claro possível. Os professores preenchem esses formulários rapidamente e fazem a leitura muitas vezes superficial. Apesar de o enunciado da questão fazer referência à “apresentação da exposição”, alguns professores entenderam que se tratava da apresentação realizada pelo educador, como nos exemplos aqui apresentados.

Os estudantes: experiência afetiva

Para avaliar esse novo tipo de visita, foram elaborados diferentes protocolos e, entre eles, a aplicação de questionários para educadores, responsáveis e participantes / alunos (Figura 1), de forma semelhante ao que foi feito no MAE-USP e no Museu da Língua Portuguesa.

Ao responder sobre o que mais gostaram do Museu Histórico, os alunos expressam apreciação pelos objetos antigos, ou porque gostam de “coisas antigas” ou porque eles mostram o que eram feitos os processos no passado em comparação ao presente.

No texto dos alunos aparecem informações que os marcaram em relação aos temas tratados e aos objetos observados.

“As máquinas antigas, pois eu fiquei sabendo sobre a história do Brasil”.

“A história presente em cada objeto (...) do museu. Dando um entendimento melhor de como começou o Butantan”.

“Da máquina de escrever, por eu descobrir coisas que eu não sabia”.

Nos textos desses três estudantes aparecem as relações estabelecidas a partir da observação dos objetos. Percebe-se que a estratégia de trabalhar a cultura material como fonte para a construção da história foi bem sucedida.

Algumas das declarações dos estudantes demonstram apreciação dos objetos do museu, porém mais por uma questão pessoal, como as três citadas abaixo:

“Das máquinas de escrita porque eu nunca tinha visto uma pessoalmente”.

“Eu gostei da calculadora, porque ela não é conhecida para mim”.

“Os objetos antigos, pois eu gosto de coisas antigas”.



Figura 2: Máquina de escrever do acervo histórico do Instituto Butantan

Foto: Camilla Carvalho

Os conteúdos tratados na visita educativa, especialmente a produção de soros, aparecem nas respostas dos estudantes:

“A história do lugar. Porque aprendi sobre o desenvolvimento do soro”.

“Aprender como foram criados os soros que nos ajudam a curar”.

“De saber que criavam cavalos faziam pegar as doenças e retiravam o sangue deles para curar doenças”.

“Dos materiais antigos, porque foram utilizados para fazer soro e eram usados nos cavalos”.

“Gostei da história que fundaram o instituto, e como usavam os cavalos para ter o soro ou seja a cura, para peste negra.”

*“Ver como é feito o soro para curar picadas de cobras. Porque podemos ver **realmente** como é feito”.*(grifo nosso)



Figura 3: Ampola de soro antiofídico (1908) do acervo histórico do Instituto Butantan

Foto: Camilla Carvalho

Essas respostas contêm de forma implícita ou explícita, como na última citada, a ideia de que os objetos são testemunhos do passado e, portanto, eles trazem a “verdade” sobre o que se fazia e o que se pensava no passado. Para o visitante, o objeto em sua materialidade não permite que ele “mintar”: sua presença já é uma expressão do passado, inquestionável.

Caberia às equipes dos museus trabalharem a valorização da cultura material e simultaneamente evidenciar as diversas formas de interpretação possíveis para um mesmo objeto. No campo das ciências, no caso de instrumentos científicos, essa tarefa é árdua, pois esses aparatos foram criados para registrar fenômenos naturais e auxiliar nos processos experimentais com a maior exatidão possível.

Vantagens e desvantagens

O uso de formulários para educadores, responsáveis e participantes de uma mesma visita educativa como forma de registro e avaliação permite a construção de memória sobre as ações educativas e a reflexão de cada um dos envolvidos sobre o que foi essa experiência.

Cada frase escrita pode ser interpretada de diversas formas e relacionada com as outras frases escritas pelo mesmo informante ou por seus pares. Diversas abordagens de interpretação de textos podem ser aplicadas para análise do material produzido.

Uma mesma visita pode ser conhecida por meio do olhar de três partes e assim ser (re)construída de uma maneira mais ampla e mais próxima da experiência vivida por cada um dos participantes.

A produção desses documentos de forma sistemática e contínua permite que a equipe do museu tenha subsídios para avaliar o seu trabalho para aperfeiçoá-lo, além de facilitar a pesquisa posterior de outros interessados.

As desvantagens desse tipo de avaliação estão relacionadas à operacionalização de sua aplicação: encontrar o melhor momento e local para que os responsáveis e os participantes respondam às questões e, além disso, ter um profissional que acompanhe esse momento para poder responder às dúvidas e garantir o preenchimento adequado e completo dos formulários.

Em museus em que são realizadas muitas visitas educativas diariamente esse processo deve ser feito por amostragem, uma vez que não será possível processar todo o material produzido nem garantir a qualidade de preenchimento em quantidade, tanto por parte dos educadores como dos responsáveis e participantes.

Apesar de contar com o registro de três olhares sobre a visita educativa, essa metodologia não esgota de forma alguma as possibilidades de registro e avaliação da visita. No Butantan, foram feitas observações das visitas com protocolo de anotações para se ter um olhar “de fora” sobre a experiência realizada. Essa observação estava mais focada na atuação dos educadores e reações dos visitantes. Outras estratégias, como filmagens, gravações de áudio, entre outras poderiam ser utilizadas para aprofundar o entendimento da experiência da visita educativa.

Considerações finais

A escassez de registros das ações educativas dos museus é um obstáculo para as pesquisas nesse campo. O registro sistemático e contínuo das atividades é necessário para a construção da memória institucional, para dar subsídios para o aperfeiçoamento das ações e para a pesquisa nesse campo.

Apresentou-se aqui uma possível estratégia para registro das visitas educativas, por meio de formulários preenchidos pelos educadores, responsáveis e participantes, que traz três olhares sobre a mesma experiência. Essa estratégia não esgota as possibilidades de registro e avaliação das atividades, mas garante parte da documentação sobre as ações educativas de um museu.

Referências

DUTRA, Soraia Freitas. *O fenômeno da escolarização / desescolarização dos museus e a construção de novas parcerias entre museu e escola*, Belo Horizonte, tese de doutorado, FAE/UFMG, 2012.

- GRUZMAN, Carla. *Educação, ciência e saúde no museu: uma análise enunciativa-discursiva da exposição do Museu de Microbiologia do Instituto Butantan*. São Paulo, tese de doutorado, FEUSP, 2012.
- MARANDINO, Martha. *O Conhecimento Biológico nos Museus de Ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo*, São Paulo, tese de doutorado, FEUSP, 2001.
- MARTINS, Luciana Conrado Martins. *A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio do estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia*, São Paulo, tese de doutorado, FEUSP, 2011.
- SEIBEL MACHADO, Maria Iloni. *O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do museu da vida*. Campinas, tese de doutorado, IG/UNICAMP, 2009.